



## Sargentos Gays no Exército Brasileiro: para se pensar o acontecimento jornalístico<sup>1</sup>

Bárbara Regina ALTIVO<sup>2</sup>  
Elton ANTUNES<sup>3</sup>  
Júlio Márcio Oliveira SILVA<sup>4</sup>  
Vicente de Souza CARDOSO JR<sup>5</sup>

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

### RESUMO

O acontecimento é emergência que rompe com uma continuidade e integra a experiência dos indivíduos. Em sua construção noticiosa, o acontecimento jornalístico constitui-se na relação comunicativa entre mídia e sociedade. Este artigo pretende analisar o caso dos sargentos gays no Exército Brasileiro enquanto um acontecimento jornalístico. Nesse sentido, o texto apoia-se nos conceitos de agendamento, enquadramento e noticiabilidade para melhor compreender os contornos e tonalidades que o acontecimento jornalístico em questão adquire quando transita na mídia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Acontecimento jornalístico; processos de produção jornalística; homofobia.

### Introdução

Sabe-se que o cotidiano é marcado pela presença da mídia. Entrelaçada à sociedade, ela participa da construção do nosso mundo: aciona imaginários, manobra valores, provoca discussões, dá visibilidade a práticas sociais, veicula informações. Inserido no âmbito midiático está o jornalismo, um complexo campo profissionalizado que busca dilatar a experiência de seus leitores para além de seu testemunho presencial.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 13 a 15 de maio de 2010.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação do 3º semestre do Curso de Comunicação Social da FAFICH-UFMG, email: [barbaraltivo@gmail.com](mailto:barbaraltivo@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social da FAFICH-UFMG, email: [eltunes@uol.com.br](mailto:eltunes@uol.com.br)

<sup>4</sup> Estudante de Graduação do 4º semestre do Curso de Comunicação Social da FAFICH-UFMG, email: [juliomarcio2@hotmail.com](mailto:juliomarcio2@hotmail.com)

<sup>5</sup> Estudante de Graduação do 8º semestre do Curso de Comunicação Social da FAFICH-UFMG, email: [vicentecardoso@gmail.com](mailto:vicentecardoso@gmail.com)



Expandindo tempo e espaço, o jornalismo lida com o que está acontecendo. Nosso objeto de estudo será o acontecimento jornalístico, sua matéria prima essencial.

Procuramos pensar o acontecimento enquanto fenômeno comunicacional, marcado por características específicas e dinâmica própria. Não tratamos o acontecimento jornalístico como uma categoria particular do acontecimento. Mas o destacamos por notar que, na medida em que vivemos uma experiência bastante midiaticizada, os acontecimentos que aparecem na mídia ganham força no nosso cotidiano e em nossas conversações. Desse modo, o presente trabalho será voltado para os estudos em torno do acontecimento jornalístico, seguindo a perspectiva do projeto de pesquisa que integramos<sup>6</sup>.

Na tentativa de elucidar a relação entre a mídia e o acontecimento jornalístico, utilizaremos o material coletado e organizado pelo Projeto Mídia e Homofobia<sup>7</sup>. Nosso objeto será o caso dos ex-sargentos do Exército Brasileiro Laci Marinho de Araújo e Fernando Alcântara de Figueiredo, a ser analisado na perspectiva do acontecimento jornalístico.

Em 2008, em edição de junho da revista *Época*, eles se revelaram homossexuais e companheiros. Após a publicação, o caso ganhou visibilidade e grande exposição midiática, em um processo contínuo de novos desdobramentos. Em momentos distintos e por diferentes razões alegadas pelo Exército, os dois companheiros foram presos e ambos terminaram por sair da corporação. Tais desdobramentos, por sua vez, integram a construção do acontecimento, que é afetado pela ação mútua entre mídia e sociedade.

Esse processo, sob a perspectiva de sua passagem pela exposição midiática, será examinado por nós. O que é um acontecimento jornalístico? Como esse acontecimento se dá a ver na imprensa? De que maneira podemos pensar a relação entre o jornalismo e o acontecimento? Tentaremos responder a essas e outras perguntas no sentido de compreender melhor o acontecimento dos sargentos gays. Para isso, lançaremos mão de teóricos como Louis Quéré e Maurice Mouillaud, que pensam o conceito de

---

<sup>6</sup> No sentido de ampliar a reflexão acerca do acontecimento, o GrisPress (Grupo de pesquisa sobre a cultura do impresso), subgrupo do Gris, desenvolve com outras universidades o projeto “TECER: Jornalismo e Acontecimento”, que faz parte do PROCAD-CAPES, aprovado para ser desenvolvido de 2008 a 2011. Inclui pesquisadores de quatro programas de pós-graduação em comunicação: Unisinos, UFMG, UFRGS e UFSC. O objetivo geral do projeto é estudar a noção de acontecimento em perspectiva multidisciplinar, acompanhando a sua transformação no circuito da produção midiática, a fim de constituir uma epistemologia do acontecimento jornalístico.

<sup>7</sup> Pesquisa realizada pelo Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT – NuH/UFMG, no período de seis meses, compreendido entre 18/02/2008 e 17/06/2008, com a coleta de 182 edições dos jornais diários *Folha de S. Paulo*, *O Globo*, *O Tempo*; 26 edições da revista *Veja* e 156 edições dos telejornais *Jornal Nacional* e *MGTV-2ª edição*. Trabalhamos com o conteúdo impresso. Foram recortadas as notícias que abordavam homofobia e temas e sujeitos a ela vinculados, procedendo-se a estatística e identificação do jogo linguístico e narrativo das notícias clipadas.



acontecimento. Utilizaremos também as noções de agendamento, enquadramento e noticiabilidade na tentativa de assimilar os contornos e tonalidades que o acontecimento adquire quando transita na mídia.

### **Reflexões sobre o acontecimento jornalístico**

“EXCLUSIVO: Eles são do Exército. Eles são parceiros. Eles são gays”. Eis como a revista *Época*, edição 524, de 2 de junho de 2008, anuncia o romance entre dois sargentos do Exército brasileiro. O gatilho foi disparado. A partir dessa publicação, Laci Marinho de Araújo e Fernando Alcântara de Figueiredo irão compor na mídia vários episódios de conflito com as autoridades militares. A prisão do sargento De Araújo por deserção, a criação de um grupo de trabalho pela Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional do Senado para averiguar o caso, denúncia de tortura contra De Araújo no caminho para prisão, a detenção do sargento Fernando Alcântara, o envolvimento da ONU no caso. Trata-se de um acontecimento jornalístico. Uma grande narrativa que incorpora várias outras. São ondas de micro-acontecimentos que, em transformação, constituem um acontecimento midiático<sup>8</sup>.

A cotidianidade é repleta de acontecimentos. Uns mais influentes que outros, eles podem dinamizar o dia a dia e marcar nossa memória. O acontecimento da ordem do mundo, do real

é pensado pela História, a Filosofia e as Ciências Humanas em geral, tem sido objeto de estudo e investigação, tangenciando reflexões que perpassam uma relação com o tempo, objetivo e/ou (inter)subjetivo. Diz respeito à emergência e as afetações do acontecimento na realidade tangível e em suas reverberações cognitivas. (BERGER e TAVARES, 2009, p. 2).

Mas o acontecimento também pode atrelar-se ao âmbito jornalístico, como no caso dos sargentos homossexuais noticiado em *Época*. No entanto, pensar no jornalismo como reproduzidor de um fato, mero espelho que dá a ver o acontecimento bruto, é, para nós, desconsiderar a complexidade do funcionamento da mídia e de sua relação com a

---

<sup>8</sup> Vale ressaltar que quando mencionamos micro-acontecimentos, acontecimentos ou acontecimentos jornalísticos não estamos promovendo uma hierarquização. Não há uma escala que destaque um em detrimento de outro. Todos esses tipos de evento fazem parte da ocorrência como um todo e são codependentes; um acontecimento agrega e traz sentido ao outro sucessivamente. No texto, as nomeações dadas ao acontecimento foram escolhidas com o intuito de facilitar o entendimento.



sociedade da qual faz parte. O dispositivo midiático<sup>9</sup> também é construtor do acontecimento. Ele relata e assim gera sentido sobre o acontecimento, lhe dando uma configuração própria para ser veiculado. Mas a mídia não é o único agente nesse processo de constituição. O acontecimento jornalístico não começa nem termina nas páginas de um jornal. Como aponta Mouillaud, o jornal é apenas um operador de um conjunto de operadores sócio-simbólicos: “o sentido que [o jornal] leva aos leitores, estes, por sua vez, remanejam-no a partir de seu próprio campo mental e recolocam-no em circulação no ambiente cultural” (MOUILLAUD, 2002, p.51). O texto jornalístico é uma pista do acontecimento, que se expande para além dos periódicos, permeia a conversação social e retorna à mídia, num processo de metamorfose. O acontecimento jornalístico participa da dinâmica comunicacional, marcada pelo movimento contínuo, pela construção partilhada de sentidos. É na interação entre os sujeitos que a comunicação se faz, e é nessa ação que o acontecimento se constitui.

Diante de tal complexidade, pensar no conceito de acontecimento não apenas no âmbito jornalístico, mas na experiência, é essencial. Quéré (2005) trata o acontecimento como ruptura num fundo de continuidade, emergência que integra a experiência dos sujeitos a partir de seu caráter inerentemente hermenêutico. Assim, falar em acontecimento é dizer de algo que revela um sentido, uma interpretação para alguém. Sua ocorrência tem duplo potencial. O acontecimento pode ser considerado enquanto causa, fim de uma cadeia. Nesse aspecto, o passado do acontecimento é seu grande desvelador, aquilo que o explica. Mas o acontecimento também projeta sentido para o futuro. A efetivação do acontecimento o torna referencial para o que virá depois, suas consequências. Tomado como início, ele ilumina peculiarmente o porvir, que ganha perspectiva inédita.

Mouillaud também aponta para a mesma perspectiva do acontecimento como emergência, ao afirmar que “o acontecimento se apresenta como um planalto entre duas falhas que o identificam, isolando-o dentro do *continuum* da duração” (MOUILLAUD, 2002, p. 63). O acontecimento é moldado nos limites de uma cena e seu princípio e seu fim são definidos arbitrariamente. Como afirma o autor, “o acontecimento só é um acontecimento no plural”, isso porque um acontecimento, antes de seu “surgimento”, parte de diversos outros acontecimentos, que, unidos em uma estrutura de sentido,

---

<sup>9</sup> O sentido de dispositivo aqui empregado leva em conta as “dimensões da comunicação como um certo arranjo espacial, uma forma de ambiência (um meio em que), e um tipo de enquadramento que institui um mundo próprio de discurso” (ANTUNES e VAZ, 2006, p.46)



culminam no acontecimento jornalístico.

Para se delinear um acontecimento jornalístico, é importante levar em conta três elementos em interconexão: o agendamento, o enquadramento e a noticiabilidade (ANTUNES e VAZ, 2009). Como já foi dito, as publicações são rastros do acontecimento jornalístico, que ora transita nas trevas da não visibilidade midiática e ora reemerge para os holofotes da imprensa. Essa dinâmica de mostrar e esconder relaciona-se ao próprio funcionamento do dispositivo midiático, aponta para sua característica crucial de agendar. A todo momento, veículos de comunicação ofertam conteúdos para o consumo, textos transpassados por acontecimentos jornalísticos. Ao fazê-lo, esses diversos veículos entram numa relação de coagendamento, num movimento de mútua afetação das agendas. A mídia agenda temas para a sociedade, que pode ou não imputar discussão ao assunto e efetivar sua entrada em pauta.

Agendar significa instaurar processos de convocação e identificação dos sujeitos sociais para uma intensa prosa social e pública. O agendamento implica não apenas dar uma visibilidade (hierarquizada) a determinados acontecimentos, mas ampliar uma certa visibilidade e conferir um reconhecimento público a determinadas práticas. (ANTUNES e VAZ, 2006, p. 49)

Mas de que maneira o agendamento, que diz da visibilidade dos acontecimentos jornalísticos, se constrói e se conforma?

A noticiabilidade refere-se ao processo de elaboração da notícia e, dessa forma, tem papel constitutivo da agenda. O que deve ou não ser noticiado, qual a relevância de cada assunto em pauta. Esses pontos são determinados pelos valores-notícia, diversos critérios interiorizados pelos jornalistas que influenciam na construção noticiosa<sup>10</sup>. É o caso de fatos inesperados e eventos de grande importância política, esportiva ou religiosa. O acontecimento jornalístico alimenta a noticiabilidade, uma vez que é matéria-prima essencial para as notícias. Essas, por sua vez, sempre são delimitadas por um enquadramento ou *frame* que define o que deve ou não ser dito e que também, de acordo com a perspectiva de Mouillaud, focaliza os elementos do relato e os correlaciona a partir de seu efeito emoldurador.

---

<sup>10</sup> Gislene Silva (2005) aborda sistematicamente os critérios de noticiabilidade. Seu artigo, “a partir de demarcações para os conceitos de noticiabilidade, seleção e valores-notícia, faz o levantamento de vários valores-notícia e organiza um elenco simplificado com o objetivo de operacionalizar análises de notícias”.



O quadro aplicado a uma narrativa noticiosa lhe dá coerência e inteligibilidade, direciona o olhar de quem a observa, aponta para uma perspectiva de leitura. O acontecimento jornalístico, que paira sobre a agenda dos veículos de comunicação, é por vezes reacinoado, chamado à luz pela noticiabilidade. A cada veiculação um enquadramento é construído. Entretanto, a moldura aplicada pela mídia não é totalmente rígida, engessada. Ao entrar em contato com os agentes sociais, o *frame* entra em processo de ajuste.

O agendamento dá a ver fragmentos enquadrados do acontecimento jornalístico. Assim como diferentes agendas se influenciam mutuamente, os quadros construídos não estão completamente desconectados nem são independentes entre si. Isso quer dizer que o acontecimento, em suas sucessivas passagens pela veiculação midiática, recebe enquadramentos que se correlacionam. E é justamente por meio dessa coerência entre enquadramentos que o acontecimento jornalístico pode ser construído.

Com base nas reflexões acerca do acontecimento e dos conceitos de agendamento, noticiabilidade e enquadramento, e suas implicações nos processos de produção jornalística, partimos para um estudo do caso dos sargentos Alcântara e De Araújo e sua divulgação na mídia.

### **O acontecimento jornalístico: sargentos gays**

O acontecimento jornalístico em análise rompe com uma continuidade, é inédito: membros do Exército assumem sua homossexualidade publicamente. O romance entre os sargentos, antes da publicação de *Época*, desenrolava-se ao longo do cotidiano. Não se trata de um acontecimento que de imediato foi agendado por múltiplos meios de comunicação, como no caso do atentado às torres gêmeas em Nova York em 2001 ou nos terremotos que atingiram o Haiti e o Chile no início de 2010.

A partir de um acordo entre os próprios sargentos e a revista *Época*, o acontecimento ganhou visibilidade. A construção do acontecimento, nesse caso, é intrinsecamente relacionada ao papel do meio de comunicação. O revelar-se gay, o "sair do armário", é a grande mola propulsora do acontecimento em questão. E tal ação somente se concretiza com a publicação de *Época*. Funciona como um performativo, "cujo proferimento da sentença é, no todo ou em parte, a realização de uma ação, que não seria normalmente descrita consistindo em dizer algo" (AUSTIN, 1990, p. 24). Essa noção, trabalhada pelo linguista John Langshaw Austin, pode ser observada no próprio título da matéria: "O primeiro casal de militares brasileiros que *assume* a



homossexualidade” (grifos nossos). Casal que assim se assume a partir da enunciação construída nas páginas de uma revista. A publicação esquematiza os traços fundamentais do caso numa tentativa de lançar as bases para o nascimento do acontecimento jornalístico. No entanto, essa emergência é contingencial. A constituição do acontecimento jornalístico incorpora as relações de mútua afetação entre mídia e sociedade, e não é fruto de uma simples veiculação na imprensa.

Recheada de fotografias retratando o casal, a reportagem de sete páginas ganhou a capa da edição de *Época*. O alto valor-notícia do caso que lhe garantiu tal notoriedade é ligado à polêmica da revelação, ao impacto e ineditismo de se pensar em militares homossexuais vivendo um romance dentro do Exército e assumindo publicamente tal situação. Trata-se de "O primeiro casal de militares brasileiros que assume a homossexualidade” (grifos nossos). O enquadramento dado ao caso pela revista parte dessa ousadia dos sargentos por se revelarem gays, sugere coragem dos protagonistas, que têm de enfrentar diariamente o preconceito dos colegas de trabalho. É possível se observar um movimento de celebração dos sargentos, que ganhará ainda mais força com outros adventos que se seguirão.

Se parasse na publicação de *Época*, é bem provável que o caso dos sargentos gays logo perdesse visibilidade. Entretanto, o sistema midiático é movido por pautas e trabalha no sentido de garanti-las e torná-las palatáveis para a audiência. A "promiscuidade entrópica" (ANTUNES e VAZ, 2006) que envolve as diversas agendas age como uma rede que permite maior aproveitamento das potencialidades noticiosas dos acontecimentos jornalísticos, procura lacunas para preencher, busca atualizar aquilo que já passou. O poder de agendamento de *Época* foi o que impulsionou a entrevista dos sargentos no programa ao vivo *SuperPop*, da *Rede TV!*, no dia 4 de junho de 2008. Nessa mesma noite policiais cercaram o prédio da emissora e efetuaram a prisão do sargento Laci Marinho de Araújo.

A partir daí o acontecimento ganha novos contornos. Diferentes discursos entram em choque. Forma-se uma intriga. Segundo Quéré, grande parte dos acontecimentos que captam nossa atenção o fazem por pertecerem a intrigas.

Uma intriga não é só uma ação (no sentido dramático do termo) ou uma história em torno de um tema. Frequentemente ela também representa uma história problemática, isto é, uma situação caracterizada por tensões, conflitos ou contradições, ou pela discordância entre seus elementos, que



impedem que se chegue a uma solução mediante a adoção de condutas apropriadas. (QUÉRÉ, 2005, p. 72)

Teria o Exército detido o sargento De Araújo por motivos homofóbicos ou apenas para cumprir seu papel de punir transgressores? De acordo com as autoridades das Forças Armadas e com o então ministro da Defesa, Nelson Jobim, o sargento foi preso por ter cometido deserção, uma vez que faltou mais de oito dias ao trabalho. Já segundo o casal de sargentos, Laci Marinho de Araújo não se apresentou devido a problemas neurológicos, constatados em laudo médico, documento que teria sido desconsiderado pelo Exército. O sargento preso, que toma uma grande quantidade de medicamentos, já há anos sofreria com essas patologias. Fernando e Laci afirmaram que a prisão teve sim caráter preconceituoso. De acordo com eles, as Forças Armadas desaprovaram a atitude do casal de ter se assumido homossexual.

De um lado os defensores dos direitos gays, representados pelo casal de sargentos, e de outro o Exército brasileiro, instituição tradicional que remete à virilidade da luta pela nação. Aos poucos outras forças sociais foram se incorporando ao caso, sendo o Estado brasileiro uma delas. O Senado criou no dia 5 de junho, no âmbito da Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional, uma comissão de acompanhamento do caso do sargento Laci Marinho de Araújo.

As publicações jornalísticas deram destaque ao conflito, que agiu como o grande dinamizador das agendas. Declarações das diferentes partes, cartas dos leitores expondo opiniões divergentes. E a intriga se fortalece com a veiculação de novos micro-acontecimentos. Como a denúncia de Laci Marinho de Araújo, que afirmou ter sido torturado física e psicologicamente ao longo do trajeto do hospital ao Batalhão de Polícia do Exército de Brasília. Segundo ele, houve estrangulamento com saco plástico e pancadas usando um tecido para não deixar marcas no corpo. O Exército negou tudo. A prisão do sargento Fernando Alcântara de Figueiredo, nove dias após sua aparição na *Rede TV!*, foi outro micro-acontecimento fundamental para o caso. O companheiro do já preso Laci Marinho de Araújo foi detido, de acordo com Exército, por ter infringido normas disciplinares. Alcântara, segundo as Forças Armadas, teria usado um uniforme militar “alterado” nas fotos da revista *Época* e não teria pedido a permissão de seus superiores para participar do programa *SuperPop*. Em defesa, o sargento afirmou que não vestiu um uniforme, mas uma camiseta com estampas camufladas semelhantes às utilizadas no Exército. Ele também disse que compareceu ao programa de Luciana





Gimenez após seu expediente, não sendo necessária a permissão. Alcântara reclamou ainda da ação radical do Exército, que poderia ter lhe apresentado uma advertência em vez do mandado de prisão. O sargento Fernando Alcântara, após ser libertado, deu baixa do Exército. Em seguida, participou da Parada Gay realizada no Distrito Federal. Dez dias após ter deixado o cargo de sargento, Alcântara entregou documentos ao Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana com o objetivo de comprovar episódios de discriminação dentro do Exército. O material irá compor uma denúncia à Organização das Nações Unidas (ONU) e à Comissão Interamericana de Direitos Humanos.

A novidade é pescada pelas agendas para dar novo fôlego ao acontecimento, para alimentar a narrativa em constituição. Assim, é a partir do regime de constante atualização que a mídia reaviva aquilo que já passou, reaciona o acontecimento a partir de novos fragmentos a serem incorporados. A cada erupção de um micro-acontecimento há a retomada da emergência inicial. Essa recordação afeta a temporalidade do que já ocorreu e também dá nova silhueta à narrativa em processo. A partir de Mouillaud (2002), podemos pensar que mais elementos são agregados à grande tela do acontecimento, novas conexões são efetivadas, a luz aponta para novos objetos. De fato, o cenário do acontecimento em questão nunca esteve congelado, mas sempre em movimento. Se no início o acontecimento que analisamos relacionava-se quase que exclusivamente à publicação de *Época* e à prisão do sargento De Araújo após ele e seu companheiro se assumirem gays, seu desdobramento passou a reunir vários outros aspectos de relevância. A temática dos maltratos no Exército, a ação do Senado brasileiro para averiguar o caso, a prisão do sargento Alcântara, movimentações judiciais, protestos contra a homofobia no Exército. Queré pontua que

Se a maior parte dos acontecimentos se inscreve em campos problemáticos já constituídos, que perduram enquanto os problemas e as respectivas causas se mantêm, também novos campos problemáticos se constituem com a emergência de acontecimentos, nomeadamente a partir do trabalho realizado em torno deles, explicitando o que está em causa, no âmbito da regulação política das condições de viver em conjunto numa coletividade (publicização) (QUÉRÉ, 2005, p. 72)

A problemática da homofobia no Exército foi essencial no acontecimento aqui estudado. A própria publicação de *Época* foi motivada por esse terreno conflituoso e



controverso. O enquadramento ali estipulado já contava com a existência de práticas preconceituosas entre militares. O valor-notícia foi justamente embasado no desafio de se falar sobre o assunto tabu a partir da experiência pessoal de membros da instituição. No entanto, outro campo problemático se manifestou com o prolongamento do caso.

Os dois sargentos denunciaram crime de tortura efetuado pelo Exército. De Araújo, o primeiro a ser detido, afirmou ter sido agredido e humilhado por militares no momento de sua prisão. Após dar baixa do Exército, Fernando Alcântara denunciou ao Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana que o Exército faz cursos de tortura como parte do treinamento de formação. Os aprendizes passariam por choques elétricos, sufocação, espancamento e lidariam com a técnica do pau-de-arara. Alcântara afirmou ainda que seu companheiro preso ficou sem remédios e comida e passou por momentos de constrangimento no processo de revista. Assim, a questão da tortura no Exército saiu da sombra para ser tema de novos debates. Uma nova zona problemática se dá a ver ao longo da constituição do acontecimento jornalístico.

A trama se desenrolou na mídia a partir de fatores estabelecidos nos processos de produção e na cultura do jornalismo. Uma vez posto em pauta, com matéria de capa em *Época*, o caso reverbera, mas sua repercussão nunca chega a ser tão expressiva quanto nos primeiros dias após a revelação. Cerca de dez dias depois da primeira publicação, o agendamento em cada veículo não dá ao acontecimento dos sargentos gays grande destaque em sua hierarquia de notícias. O mais comum são notas curtas quando a notícia é “quente”, como quando os sargentos são presos ou no momento de libertação, com um breve resgate do caso<sup>11</sup>. A partir do agendamento, observamos que em vários momentos o acontecimento é construído em torno de notícias factuais, com a trama particular dos soldados sendo mais enfocada que a temática da homofobia no Exército.

No caso das curtas notícias do exemplo anterior, um dos fatores de noticiabilidade é dado pelo próprio desenrolar do acontecimento: os veículos acharam relevante para sua pauta expor os desdobramentos de um conflito já apresentado por eles anteriormente. Há casos em que outros valores-notícia operam em maior destaque. As matérias “Ex-sargento do Exército vira estrela em parada gay no DF” (O Tempo, 30/06/2008) e “11ª Parada Gay de Brasília faz homenagem a casal de sargentos do

---

<sup>11</sup> Alguns exemplos: “Sargento é preso” (O Tempo, 14/06/2008); “Sargento que assumiu ser gay volta à prisão” (O Globo, 24/06/2008); “Desabafo: Militar ficará preso” (O Globo, 28/06/2008); “Supremo concede liberdade a sargento gay preso em junho” (Folha de S. Paulo, 31/07/2008).



Exército” (Folha de S. Paulo, 30/06/2008) trazem fotos de participantes do evento com roupas camufladas semelhantes ao uniforme do Exército e destacam a presença do ex-sargento Alcântara, que fez seu próprio discurso e foi homenageado em outros. Enxergamos aqui a noticiabilidade atrelada a um processo de celebração. A narrativa midiática que cerca o ex-militar faz dele uma personalidade reconhecida publicamente, identificada com o movimento gay.

Quando a notícia trata da participação na Parada Gay e não de prisões ou libertações, o enquadramento se desloca. Certos aspectos do acontecimento são acionados e outros são apagados. Ao ser preso, Alcântara é o sujeito injustiçado e perseguido, segundo alega ele próprio, ao mesmo tempo em que é o transgressor de normas do Exército, de acordo com seus superiores. Já na Parada Gay, é re-enquadrado, torna-se herói. Num processo de constante realimentação do caso, enquadramento, noticiabilidade e agendamento operam em conjunto para dar vida ao acontecimento e garantir que cada micro-acontecimento seja único e original.

### **Considerações finais**

Quase dois anos após o acontecimento reverberar em diversos veículos, a sensação era a de que os personagens centrais da trama haviam entrado novamente em ostracismo. A narrativa em torno dos ex-sargentos Laci Marinho de Araújo e Fernando Alcântara de Figueiredo perdera o fôlego? O conflito entre os dois ex-militares e o Exército havia perdido o ineditismo que lhe conferia valor-notícia? Ou simplesmente a trama tinha se resolvido por completo?

Em fevereiro de 2010, temos a resposta de que não: o acontecimento ainda estava ali, à margem da agenda, pronto para ressurgir. A notícia que o traz à tona novamente, no dia 9 de fevereiro, é a de que o casal de ex-militares ingressou com representação na Mesa Diretora do Senado contra a indicação do general Raymundo Cerqueira Filho para o Superior Tribunal Militar (STM), alegando que o militar já teria dado declarações homofóbicas à mídia.

Esse ressurgimento pode ser visto como resultado do caráter contingencial do acontecimento. Micro-acontecimentos se combinam, determinada circunstância se estabelece (no caso, a indicação do general supostamente homofóbico para o STM) e o acontecimento retorna à agenda. Nenhum veículo dá ao acontecimento seu ponto final definitivo. Com uma distância temporal maior, o novo fato alimenta a intriga do mesmo modo que os demais micro-acontecimentos que se sucederam em 2008.



Mas o que torna o novo fato noticiável, em detrimento de diversos outros eventos do mesmo caso que certamente ocorreram entre 2008 e 2010 e não ganharam visibilidade midiática? O que lhe confere o poder de agendar? Acreditamos que a representação apresentada ao Senado pelo casal tem novamente o caráter conflituoso sob o qual a narrativa do acontecimento se construiu. O acontecimento retorna a partir do enquadramento proposto desde a primeira aparição, em *Época*, com o casal de ex-sargentos assumindo uma posição contestadora da homofobia nas Forças Armadas. Não só Alcântara e De Araújo se colocam nesse lugar, como a mídia confere a eles tal espaço, num processo que os celebra. No momento em que irrompe o acontecimento, os ex-sargentos tornam-se figuras notórias, identificadas como representantes do movimento anti-homofobia.

Nenhum dos agentes envolvidos – ex-sargentos, Exército, Senado, a instância midiática ou o próprio público leitor – controla o acontecimento. Não é decisão de um desses operadores detonar ou encerrar sua divulgação na mídia. O (res)surgimento do acontecimento é da ordem da contingência, sendo o enquadramento dado nas veiculações anteriores uma das referências para que o caso possa ser realimentado no dia seguinte ou mais de um ano depois.

### Referências bibliográficas

AUSTIN, J. L.. **Quando dizer é fazer: palavras e ação**. Trad. Danilo Marcondes Filho (How to do things with words). Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

ANTUNES, E. ; VAZ, P. B.. Acontecimentos e homofobia: considerações sobre agendamento, noticiabilidade e enquadramento. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO - SBPJOR, 7., 2009, São Paulo. **Anais do VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo - SBPJor**, 2009.

ANTUNES, E. ; VAZ, P. B.. Mídia: um aro, um halo e um elo. In: FRANÇA, V.R.V.; GUIMARÃES, C.. (Org.). **Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, v. 1, p. 43-60.

BERGER, C. ; TAVARES, F. M. B.. Tipologias do acontecimento jornalístico. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO - SBPJOR, 7., 2009, São Paulo. **Anais do VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo - SBPJor**, 2009.

MOUILLAUD, M.. A crítica do acontecimento ou o fato em questão. In: MOUILLAUD, M. e PORTO, S. D. (Org.). **O jornal - Da forma ao sentido**. Brasília, Editora UnB, 2002.

QUÉRÉ, L. Entre o facto e o sentido: a dualidade do acontecimento. In: **Trajectos**, Lisboa, n.6, p. 59-76, 2005.



SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v.2, n.1, p.95-107, jan./jun. 2005.